



JOÃO SOARES

Assessor do Conselho de Administração do grupo Portucel Soporcel para a Floresta e Sustentabilidade

Desenvolvimento sustentável das florestas

A Conferência do Rio, em 1992, alterou definitivamente o paradigma que, nos anos 80, parecia conduzir a um conflito insanável entre “economicistas” e “ambientalistas”, com clara vantagem destes nos países mais desenvolvidos.

De facto, o princípio do Desenvolvimento Sustentável, exigindo que a Humanidade e os governos ponderassem, em simultâneo, a viabilidade económica, a responsabilidade ambiental e a aceitação social, chegou então para ficar.

A recente Conferência do Rio+20 veio, porém, confirmar que tal princípio está ainda longe de prevalecer, razão por que de lá saiu uma mera (embora forte) recomendação sobre a deseabilidade da “Green Economy”.

Mas se alguns (dos “em vias de desenvolvimento”) ainda veem na “Economia Verde” uma nova forma de colonialismo – impedindo o seu crescimento pelos mesmos trilhos que os “desenvolvidos” percorreram – outros (dos “desenvolvidos”) parecem ter descoberto uma “novidade” compatível com o progressivo esgotamento de recursos naturais finitos.

Mas será que a “Economia Verde” é mesmo uma “descoberta” e uma via nova?

Imaginemos uma indústria ou setor que:

- Utilize matérias-primas naturais e renováveis;
- Contribua e dê garantias para que tais matérias-primas sejam geridas de forma durável;
- Utilize no processo fabril energia renovável produzida a partir de parte daquelas matérias-primas e seja praticamente autossuficiente em termos energéticos;
- Monitorize e controle diariamente e de forma transparente os efluentes, dentro de padrões internacionalmente definidos e socialmente aceites;
- Fabrique produtos sem toxicidade;
- Coloque no mercado produtos com elevadíssima taxa de reciclagem, quer para a fabricação de produtos homólogos, quer para a produção de energia “verde”.

Ficaremos obviamente rendidos pelo quão perto estará esta indústria ou este setor do conceito de sustentabilidade.

Acontece que o exercício acima não é mais do que a descrição das indústrias de produtos florestais de vários continentes e de muitos países, entre os quais Portugal. Da fabricação de papel à produção de manufacturas de cortiça, passando pelos produtos da madeira (nacional).

O interesse crescente das sociedades, ditas desenvolvidas, em ver salvaguardados os recursos existentes no que resta das florestas naturais, despertou para a necessidade de obter garantias sobre todas as florestas que estão a montante dos produtos florestais consumidos.

Se é certo que às florestas plantadas (apenas 4% da área florestal mundial mas já responsáveis por 36% das matérias primas florestais consumidas) não se podem associar ecossistemas “exuberantes”, como acontece na floresta virgem tropical, também não é menos certo que as interações e impactos das massas florestais plantadas, com a envolvente onde se instalam – o solo, a água, a paisagem e a biodiversidade – não podem deixar de ser antecipados, avaliados e monitorizados, de forma a garantir a condição da perpetuidade das mesmas.

Resumindo: se o Desenvolvimento Sustentável é ainda uma utopia, a verdade é que as indústrias de produtos florestais estão dele tão próximo que serão, seguramente, as primeiras a atingi-lo!

Nada pois mais lógico do que ver reunida em Portugal – sob a égide do Instituto Superior de Agronomia – a nata da investigação mundial que se dedica à floresta e aos produtos florestais e que lidera hoje a “corrida verde” em busca do Desenvolvimento Sustentável.

Num país que enfrenta uma gravíssima crise económica e financeira (faço aqui o convite para o leitor percorrer o PSI 20 – onde estão as “nossas” maiores empresas, onde abundam os serviços e as “utilities” de preços regulados e onde escasseiam empresas transformadoras), é bom saber que as indústrias exportadoras com maior valor acrescentado nacional pertencem às fileiras florestais portuguesas, setor que representa 10% das exportações nacionais de bens e gera milhares de postos de trabalho.

Temos pois presente e poderemos ter futuro, porque estas fileiras estão, e continuarão a estar, na primeira linha dos utilizadores da Ciência, Investigação e Desenvolvimento gerados pelos cientistas florestais de todo o mundo.

Assim saibamos plantar e gerir a nossa floresta...